

SURGIMENTO DA DEFINIÇÃO DE CONHECIMENTO COMO CRENÇA VERDADEIRA JUSTIFICADA

Andresa Klitzke¹

Resumo: O que é conhecimento? É possível defini-lo? Conhecimento é a crença verdadeira justificada? Tais questionamentos tratam da temática deste estudo que é a definição de conhecimento. Neste sentido, o principal objetivo é investigar a concepção de conhecimento na filosofia de Platão, mais especificamente na sua obra Teeteto, a fim de saber como surgiu a definição tradicional de conhecimento. O texto platônico busca encontrar a natureza do conhecimento, e para tanto, três perspectivas são discutidas por Teeteto e Sócrates, principais personagens do Diálogo. A partir das três possíveis respostas dadas por Teeteto ao problema do conhecimento levantado por Sócrates é que este estudo está organizado. Na primeira parte, analisamos a concepção de conhecimento como sensação; em seguida, discute-se a ideia de conhecimento como opinião verdadeira e, por fim, a perspectiva de conhecimento como a opinião verdadeira acrescida de um logos. Através da investigação realizada, constata-se que o Diálogo Teeteto apresenta elementos indicadores que a definição tradicional de conhecimento como crença verdadeira justificada tenha surgido com Platão. No entanto, a obra do referido filósofo termina em aporia, ou seja, não há uma resposta conclusiva para o problema do conhecimento, fato este que instigou posteriores investigações sobre a questão do verdadeiro conhecimento e que se tornou tema central no pensamento filosófico.

Palavras-chave: Conhecimento. Sensação. Opinião. Logos. Crença Verdadeira Justificada.

1. INTRODUÇÃO

A busca pela definição do conhecimento será analisada através da pergunta: o que significa conhecer? Essa pergunta geral norteia este estudo, e nos remete a outros questionamentos, tais como: que tipos de objetos podemos incluir na definição de conhecimento? O conhecimento é a crença verdadeira justificada?

Contemporaneamente a definição tradicional de conhecimento ficou

1 Mestre em Ciências Humanas – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim. E-mail de contato: andresa1504@yahoo.com.br.

conhecida como *crença verdadeira justificada*. No entanto, a sua origem, segundo a concepção que predominou no pensamento filosófico por muitos séculos, é muito anterior à contemporaneidade. Desse modo, apresentaremos a “pré-história” da definição tripartida de conhecimento discutida na Antiguidade Clássica, mais especificamente na obra *Teeteto* de Platão.

2. PRÉ-HISTÓRIA DA DEFINIÇÃO TRIPARTIDA DE CONHECIMENTO

A definição de conhecimento como *crença verdadeira justificada* surge, na Grécia Clássica, com Platão em sua obra intitulada *Teeteto*², diálogo entre Sócrates (personagem principal) e seus interlocutores Teeteto e Teodoro. Nela, Platão investiga a natureza do conhecimento, ou seja, busca definir o que é conhecimento ou qual é a essência do conhecimento. No decorrer do texto platônico, Sócrates provoca Teeteto para que responda em que consiste o conhecimento. Ao longo do diálogo e das provocações de Sócrates, Teeteto apresenta três concepções de conhecimento³, que são analisadas minuciosamente pelo grande sábio ateniense, a saber: conhecimento como sensação⁴, conhecimento como opinião verdadeira⁵ e conhecimento como opinião verdadeira acrescida de um *logos*⁶ ou justificação⁷. Vejamos cada uma delas.

2.1. Conhecimento como sensação

A aceção de “conhecimento como sensação” decorre da seguinte afirmação de Teeteto: “parece-me, pois, que quem sabe alguma coisa sente o que sabe. Assim, o que se me afigura neste momento é que conhecimento não é

2 Cf. BURDZINSKI, 2005, p. 66: no *Teeteto* Platão “dá uma atenção privilegiada aos problemas do conhecimento. [...] Nele, a natureza mesma do conhecimento é colocada em questão”. Por isso, usaremos o *Teeteto* para fundamentar e tratar da origem da definição de conhecimento como crença verdadeira justificada. Utilizaremos a tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes. Editora universitária UFPA. Belém, 2001. Sobre a defesa da ideia de que a definição tripartida de conhecimento surge com Platão, sugerimos analisar: BENSON, 2011; BURDZINSKI, 2005; FANTICELLI, 2013; FUMERTON, 2002; RODRIGUES, 2013; ZENI, 2012.

3 Cf. FANTICELLI, 2013, p. 18: as definições de conhecimento são chamadas por Sócrates de “filhos de Teeteto”, pois, de acordo com a maiêutica (método socrático) o ser humano é capaz de “dar à luz”, “gerar” conhecimento, ou seja, “espécie de filhos epistemológicos”. Sobre as três respostas que Teeteto oferece à pergunta “o que é conhecimento?” e para maior aprofundamento ver ainda KENNY, 2008.

4 Cf. PLATÃO, 2001, 151e, p. 49.

5 Cf. PLATÃO, 2001, 187b, p. 103.

6 Esta última concepção de conhecimento ficou conhecida da tradição filosófica como a definição tradicional de conhecimento ou *crença verdadeira justificada*.

7 Cf. PLATÃO, 2001, 201d, p. 125.

mais do que sensação⁸. Conhecimento, neste sentido, é tudo aquilo que provém das percepções⁹ dos sentidos. Sobre esta, diz Platão,

[...] é a definição de Protágoras; por outras palavras ele dizia a mesma coisa. Afirmava que o homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem¹⁰.

A partir da referência a Protágoras¹¹, Platão começa a desenvolver a ideia de que o conhecimento compreendido como sensação não responde adequadamente à pergunta pela natureza do conhecimento. Neste sentido, apresenta o seguinte exemplo¹²:

Por vezes não acontece, sob a ação do mesmo vento, um de nós sentir frio e o outro não? Um de leve, e o outro intensamente? [...] Nesse caso, como diremos que seja o vento em si mesmo: frio ou não frio? Ou teremos de admitir com Protágoras que ele é frio para o que sentiu arrepios e não o é para o outro?¹³.

Através de questionamentos como esses, Platão vai conduzindo o seu interlocutor a perceber e admitir que seus argumentos são frágeis e insustentáveis, pois a natureza do conhecimento não pode ser relativizada, ou seja, interpretada ao bel prazer das sensações, já que as percepções advindas dos sentidos apenas captam a aparência das coisas e não a sua essência ou o “ser em si”¹⁴. Portanto, a compreensão de conhecimento como sensação é criticada¹⁵ e

8 Cf. PLATÃO, 2001, 151e, p. 49.

9 Ver MODRAK, 2011.

10 Cf. PLATÃO, 2001, 152a, p. 49.

11 Para maior análise indicamos CORNFORD, 2007.

12 Início da refutação da primeira definição de conhecimento dada por Teeteto.

13 Cf. PLATÃO, 152b, 2001, p. 49.

14 Cf. CORNFORD, 2007: a tese de Platão é que o conhecimento não pode ser restringido à percepção sensível, pois, o verdadeiro conhecimento está relacionado ao âmbito das *Formas* universais e eternas e o problema do conhecimento sensível poderia ser superado por conta disso. No entanto, não encontramos no *Teeteto* provas que demonstrem tal objetivo platônico, porque o diálogo não é levado a tais investigações minuciosas até o final.

15 Cf. BURDZINSKI, 2005, p. 66: o pensamento platônico sobre a questão do conhecimento no *Teeteto* é desenvolvido em dois aspectos: no primeiro, “o problema da natureza do conhecimento é disposto enquanto algo que diz respeito à correção das sensações. [...] que envolve forçosamente a verdade como uma de suas condições necessárias e, por isso mesmo, deve ser concebido como algo que não pode estar sujeito a interpretações essencialmente diversas. [...] No segundo patamar de sua análise, Platão propõe que o conhecimento, em vez de ser investigado nos termos da mera sensação, o seja como algo que diz respeito ao que se pensa acerca daquilo que a sensação apresenta. A indagação epistemológica é então entendida como uma discussão sobre a opinião e, desde aí, o conhecimento é identificado inicialmente com a opinião verdadeira e, por fim, com a opinião verdadeira explicada”.

descartada pelo Sócrates platônico ao afirmar que

[...] a opinião unânime é que todos esses casos concorrem para refutar a doutrina exposta agora mesmo, visto se revelarem de todo o ponto falsas em tais casos nossas sensações, e muito longe de serem as coisas como se nos afiguram, nada, pelo contrário, existe tal como nos aparece¹⁶.

Isto indica que o conhecimento não reside no âmbito da sensação, mas para além dela, como afirma Sócrates a Teeteto, na seguinte passagem:

Seria absurdo, menino, se uma quantidade enorme de sensações estivessem apinhadas dentro de nós como num cavalo de pau, sem se relacionarem com uma única ideia, ou seja, a alma ou como te aprouver denominá-la, ponto de convergência delas todas, por meio da qual, usada como instrumento, percebemos todo o sensível¹⁷.

Portanto, a alma é que empreende um trabalho reflexivo, dialético¹⁸, sobre as sensações para que seja possível conhecer as coisas como elas são verdadeiramente¹⁹. Para Platão, alcançar a verdade das coisas é atingir a essência das mesmas. Por isso, não é nas impressões sensíveis que reside o conhecimento, mas no raciocínio acerca delas²⁰. Nota-se, que Teeteto reconhece que o conhecimento deve ser encontrado em um nível superior ao da sensibilidade, ou seja, no âmbito do pensamento ou “julgamento”²¹. Dessa maneira, conhecimento não pode ser concebido como sensação.

Parece mesmo que conhecimento é diferente de sensação – porém, o fim primordial de nossa análise não visava determinar o que

16 Cf. PLATÃO, 2001, 157e, p. 58.

17 Cf. PLATÃO, 2001, 184d, p. 99.

18 O termo dialético, neste contexto, significa o meio pelo qual a alma (razão) consegue analisar, discernir, refletir sobre as informações advindas das sensações, afim de elevar o pensamento ao âmbito das essências, das ideias únicas, perfeitas e universais, onde reside o verdadeiro conhecimento. A dialética é o método platônico que visa a saída do senso comum, do plano das hipóteses, para ascender ao conhecimento real e verídico. No Livro VII, da República, 533d, p. 349, Platão nos diz que “o método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisamos” (533c-d, p.347). Ver também BENSON, 2011.

19 Cf. FANTICELLI, 2013, p. 25: a alma é “âmago epistemológico. [...] Torna-se doravante aquela coisa que verdadeiramente conhece e o corpo restrito as percepções. A alma pode emitir uma opinião, coisa que ao corpo é impossível”.

20 Cf. PLATÃO, 2001, 186c-186d, p. 102.

21 Cf. CORNFORD, 2007, p. 146.

conhecimento não é, mas o que venha a ser. De qualquer forma, já avançamos o suficiente para não procurá-lo de jeito nenhum na sensação, porém no nome que possa ter a alma quando se ocupa sozinha com o estudo do ser²².

Uma vez que o conhecimento como sensação, o primeiro “filho” gerado por Teeteto fora descartado, Sócrates instiga o jovem a apresentar outra explicação para responder o que é conhecimento. Desse modo, o jovem Teeteto avança em sua reflexão e apresenta a segunda tentativa, a qual veremos a seguir.

2.2 Conhecimento como opinião verdadeira

A segunda definição proposta por Teeteto é a de que o conhecimento é a opinião verdadeira. “Pode bem dar-se que conhecimento seja a opinião verdadeira, o que formulo à guisa de resposta. Mas se, com o avançar da discussão, não nos parecer aceitável, como agora, espero encontrar outra”²³.

De início Sócrates não se detém a analisar diretamente esta afirmação, mas suscita que se é possível haver opinião verdadeira, então, há que se discutir a possibilidade da opinião falsa. Qual seria a natureza da opinião falsa ou como ela acontece? Através da condução dialogante de Sócrates, a primeira explicação construída é a de que a opinião falsa decorre da confusão, que um indivíduo pode fazer entre as coisas, como por exemplo: “quando alguém forma opinião falsa, toma as coisas que sabe, não pelo que elas são, mas por outras que ele sabe; de onde vem que, conhecendo ambas, ignora as duas”²⁴. Isso significa que sendo ambas as coisas conhecidas e, então, acontecer a troca de uma pela outra é algo inconcebível, pois, não há como confundir duas coisas que se conhece; outra confusão seria tomar “o que não sabe por outra coisa que ele também não sabe, como seria o caso de alguém que, não conhecendo Teeteto nem Sócrates, se pusesse a imaginar que Sócrates é Teeteto e Teeteto, Sócrates”²⁵. Neste caso, em que ambas as situações são desconhecidas, torna-se mais inviável ainda pensar sobre o que não se conhece, muito menos trocar uma pela outra, pelo fato de não se ter referência nem de uma e nem de outra. E, por fim, “ninguém chega a imaginar que o que ele sabe seja o que ele não sabe, nem o inverso: ser o que ele não sabe aquilo que ele sabe”²⁶. Desse modo, ter conhecimento de uma coisa e confundi-la com outra, que não se conhece, também não é possível aceitar, porque se conhecemos algo não iremos misturá-lo com outro que nos é desconhecido. Diante disso, os dialogantes concluem que a opinião falsa parece

22 Cf. PLATÃO, 2001, 186e-187a, p. 102-103.

23 Cf. PLATÃO, 2001, 187e, p. 103.

24 Cf. PLATÃO, 2001, 188b, p. 104.

25 Cf. PLATÃO, 2001, 188b, p. 104-105.

26 Cf. PLATÃO, 2001, 188c, p. 105.

não ter fundamento, pois, forma-se opinião somente daquilo que se sabe, deixando de lado aquilo que não se sabe. “Tirante os casos apresentados, não será possível produzir-se qualquer opinião, uma vez que, a respeito de tudo, ou sabemos ou não sabemos, não havendo, assim, em parte alguma lugar para opinião falsa”²⁷.

Sócrates, então, busca outra saída para a problemática da opinião falsa: “quem sabe, então, se não será preferível, no estudo em que nos empenhamos, em vez de partir da oposição saber e não-saber, fixamo-nos na de ser e não ser?”²⁸. Isso indicaria que a opinião falsa se origina do ato de pensar em coisas que não existem realmente. Contudo, Sócrates instiga Teeteto a analisar a questão posta da seguinte maneira:

Sócrates: Quem vê determinada unidade, vê algo existente; ou achas que a unidade pertence à classe das coisas inexistentes? *Teeteto:* De forma alguma. *Sócrates:* Quem vê, portanto, uma unidade, vê o que existe.[...] *Sócrates:* Quem pensa, não pensará em alguma coisa? *Teeteto:* Forçosamente. *Sócrates:* E quem pensa em alguma coisa, não pensa em algo existente? *Teeteto:* De acordo. *Sócrates:* Logo, quem pensa no que não existe, pensa em nada. *Teeteto:* É claro. *Sócrates:* Mas pensar em nada é não pensar de jeito nenhum. *Teeteto:* Parece evidente. *Sócrates:* Não é possível, por conseguinte, pensar no que não existe, nem em si mesmo nem em relação com o que existe. *Teeteto:* Parece que não. *Sócrates:* Ter opinião falsa, por conseguinte, é diferente de pensar no que não existe²⁹.

Mais uma vez, os interlocutores não encontram uma resposta que resolva a problemática da opinião falsa. O diálogo segue e Sócrates então sugere a Teeteto que a opinião falsa “é o equívoco de quem, confundindo duas coisas igualmente existentes, afirma que uma é outra”³⁰. O jovem concorda com Sócrates, mas este conduz a argumentação de modo a descartar a possível definição da opinião, questionando: “acreditas mesmo que haja alguém, ou louco ou de juízo perfeito, capaz de convencer-se de que o boi terá de ser cavalo e que dois é um? – Não, por Zeus!”³¹. Dessa maneira, a conclusão que os dialogantes chegam é a de que a opinião falsa não pode ser a troca de representações. Neste contexto, devemos ter presente que a capacidade de reconhecer representações e emitir

27 Cf. PLATÃO, 2001, 188c, p. 105.

28 Cf. PLATÃO, 2001, 188d, p. 105.

29 Cf. PLATÃO, 2001, 188e-189b, p. 105-106.

30 Cf. PLATÃO, 2001, 189c, p. 107.

31 Cf. PLATÃO, 2001, 190c, p. 108.

juízos reside na alma³², portanto, é uma atividade interna, em que aquela conversa consigo mesma, independente do mundo externo formando opinião. Consequentemente, a alma não cometeria confusão entre representações, pois nela reside a capacidade racional de discernimento das coisas sensíveis.

No Diálogo, a busca pela definição da opinião falsa, após longo exame, mostrou-se inalcançável, como também em relação a opinião verdadeira, que é a segunda concepção de conhecimento apontada por Teeteto. A refutação desta concepção é evidenciada na seguinte afirmação:

Quando os juízes são persuadidos por maneira justa, com relação a fatos presenciados por uma única testemunha, ninguém mais, julgam por ouvir dizer, após fornecerem opinião verdadeira; é um juízo sem conhecimento; porém ficaram bem persuadidos, pois sentenciaram com acerto. – Isso mesmo – No entanto, amigo, se conhecimento e opinião verdadeira fossem a mesma coisa, nunca o melhor juiz julgaria sem conhecimento. Mas agora parece que são coisas diferentes³³.

Evidencia-se na argumentação platônica que o conhecimento não pode prescindir da opinião³⁴, pois a mesma é fruto da persuasão e não tem por objetivo atingir a verdade, apenas o convencimento, independentemente de apresentar ou não conhecimento de algo. Desse modo, opinião e conhecimento são distintos³⁵, como podemos constatar com a seguinte afirmação de

32 Platão concebe o ser humano de forma dualística, isto é, composto de um corpo (material, finito, imperfeito, mutável) e de uma alma (eterna, perfeita, imaterial, imutável). É na alma que se encontra a razão humana, é nela que ocorre a atividade racional, o pensamento. É a alma que realiza reflexões, julgamentos de valor sobre aquilo que está sendo analisado e que se processa o conhecimento. No Livro IV, da República, Platão através do personagem Sócrates dialoga sobre a alma, que é dividida em três partes: uma racional ou deliberativa e duas irracionais denominadas de negociante e auxiliar (441a). Cf. ROWE, 2011, p. 33-34, “uma das duas partes irracionais é associada à cólera ou mais geralmente aos aspectos competitivo-agressivos da existência humana; a outra, com nossos impulsos de comida, bebida e sexo”. JR MILLER, 2011, também corrobora com a concepção da alma tripartite e, além disso, aponta que ela é o princípio de ação e movimento e onde há movimento, há vida. Daí a perenidade da alma em contraposição ao corpo. Para maior conhecimento ver KAHN, 2011; FREELAND, 2011.

33 Cf. PLATÃO, 2001, 201c, p. 125.

34 Cf. BENSON, 2011: a distinção entre conhecimento (*episteme*) e opinião (*dóxa*) aparece em outros textos platônicos como o *Mênon* e a *República*. Porém, não adentraremos na análise de tais textos neste estudo, apenas os destacamos para mostrar que a discussão sobre o conhecimento é uma constante no pensamento de Platão.

35 Cf. ZENI, 2012, p. 65: Platão se refere a essa mesma distinção em outros diálogos. No *Timeu*, por exemplo, a *episteme* é apresentada como resultado da instrução, existindo sempre seguida de uma “explicação verdadeira dos seus fundamentos”, por isso incomutável pela persuasão e sendo apenas de propriedade dos deuses ou de alguns homens; por outro lado, a opinião verdadeira seria obra do convencimento, não sendo sustentada por fundamentos racionais, podendo ser facilmente modificada pela persuasão sendo que todos os homens são capazes de tê-la.

Cornford³⁶ – confiar, dar crédito a simples opinião não apresenta fundamento racional, conseqüentemente, o conhecimento não é atingido. É justamente por isso que os sofistas foram duramente criticados por Sócrates e por Platão, pois, tinham grande interesse em convencer as pessoas, com discursos bem articulados sem interesse em atingir a verdade. Por isso, foram acusados de relativizar o conhecimento³⁷. “O sofista se nos revelou como possuidor de um conhecimento aparente sobre todos os assuntos, não do verdadeiro conhecimento”³⁸. Como a segunda tentativa de resposta à pergunta pela natureza do conhecimento formulada por Teeteto também não mostrou-se aceitável, analisemos a terceira e última apresentada por ele.

2.3 Conhecimento como opinião verdadeira acrescida de um *lógos*

Se a opinião não pode ser considerada conhecimento por não possuir fundamentos racionais, Teeteto então apresenta mais uma resposta à definição de conhecimento:

Sobre isso, Sócrates, esquecera-me o que vi alguém dizer; porém agora volto a recordar-me. Disse essa pessoa que conhecimento é opinião verdadeira acompanhada da explicação racional, e que sem esta deixava de ser conhecimento. As coisas que não encontram explicações não podem ser conhecidas – era como ele se expressava – sendo, ao revés disso, objeto do conhecimento todas as que podem ser explicadas³⁹.

Nesta terceira concepção, conhecimento é a opinião verdadeira acompanhada de um *lógos*⁴⁰. Platão fez uso do termo *lógos* de muitos modos, como por exemplo, “a capacidade de fazer um relato daquilo que se sabe. No Teeteto [...] este aspecto do *lógos* está incorporado na definição de episteme:

36 Cf. CORNFORD, 2007, p. 125.

37 A relatividade do conhecimento foi mais evidenciada por causa da máxima do sofista Protágoras, de que o homem é a medida de todas as coisas (CF. nota 17). Mondolfo nos proporciona melhor entendimento sobre a relatividade do conhecimento ao citar Sexto Empírico, que esclarece o sentido de tal máxima: “por medida entende o critério do juízo, por cousas, os fatos; o que quer dizer que o homem é o meio do juízo de todos os fatos, dos que são enquanto são e dos que não são enquanto não são. E por isso, admite somente aquilo que aparece a cada um, e assim introduz a relatividade” (1999, p. 120).

38 Cf. PLATÃO, *O Sofista*. 2003, p. 24.

39 Cf. PLATÃO, 2003, 201d, p. 125.

40 Cf. PEREIRA, 1998, p. 350, o termo *lógos* possui diversas designações, dentre elas destacamos: *razão, justificação, explicação* (grifo nosso). PETERS, 1977, p. 135, também define *lógos* no mesmo sentido das designações a pouco citadas. Para ele, *lógos* significa “discurso, relato, razão, definição, faculdade racional, proporção”.

opinião verdadeira (doxa) acompanhada de um relato⁴¹. Em outras palavras, quem não consegue explicitar discursivamente o que uma coisa é ou representa, não possui conhecimento sobre a mesma⁴². No *Teeteto* aparecem três definições de *lógos*. A primeira é exposta por Sócrates no seguinte trecho:

Então me dize que querará dizer, `a justa, naquele passo, explicação racional? Para mim, terá um destes três significados. – Quais são? – O primeiro consiste em tornar claro o pensamento por meio da voz, com o emprego de verbos e substantivos, fazendo refletir-se como num espelho ou na água a imagem de sua opinião na corrente que promana da boca. Não te parece que explicação seja isso mesmo? – Sem dúvida; pelo menos, dizemos que quem assim procede, explica⁴³.

Platão, através da boca de Sócrates, indica que o *lógos* é o discurso proveniente da alma e expresso na forma de enunciados (combinação lógica de palavras). Desse modo, esse *lógos* precisa ser externado e compreendido por outros, não pode ficar restrito ao discursante, pois só terá sentido se for exposto e compreensível por outros dialogantes. Porém, tal definição não é sustentada por muito tempo. Na sequência do Diálogo, Sócrates insinua a Teeteto que o conhecimento não se restringe a opinião verdadeira justificada por um discurso enunciativo, a partir da seguinte afirmação:

É o que todos são capazes de fazer, com maior ou menor rapidez: expor sua maneira de pensar a respeito do que quer que seja, a menos que se trate de alguém surdo e mudo de nascença. Desse modo, todos os que formam opinião verdadeira, a associam a alguma explicação, não podendo haver nenhures opinião verdadeira sem conhecimento⁴⁴.

Não se trata apenas de formar frases que combinem verbos e substantivos, mas sim que os enunciados tenham sentido e coerência com aquilo que lhes é exterior (teoria da verdade como correspondência). Por isso, a trivialidade e a espontaneidade não combinam com o *lógos* entendido como “discurso racional”. Senso assim, o conhecimento não pode ser algo tão imediato e

41 Cf. PETERS, 1977, p. 136.

42 Cf. FANTICELLI, 2013, p. 69: O *Teeteto*, trata do *lógos*, sobretudo, com significado de discurso racional, no sentido de ser um discurso demonstrador. Isso significa que o termo tem muito a ver com “justificação” no sentido em que usamos esse termo em filosofia contemporânea. De acordo com os dialogantes, a pessoa a quem se pergunta sobre o conhecimento de alguma coisa, tem de fazer uma justificativa para garantir que realmente tem esse conhecimento.

43 Cf. PLATÃO, 2001, 206c-d, p. 133-134.

44 Cf. PLATÃO, 2001, 206e, p. 134. Este trecho configura a ligeira refutação à aceção de *lógos* como enunciado.

superficial de ser alcançado, e, portanto, o primeiro *lógos* é renegado. Diante da negação do *lógos* enquanto enunciação, a segunda definição começa a ser avaliada através da seguinte exposição de Sócrates:

Então que vá um sonho em troca de outro. Eu também, parece-me ter ouvido de que certa pessoa que os denominados elementos primitivos de que somos compostos, como tudo o mais, não admitem explicação. A cada um só poderás dar nome, sem nada mais acrescentar, nem que é nem que não é, pois isso já implicaria atribuir-lhe existência ou não-existência, o que não seria lícito, se quiseses falar dele, apenas dele. Como também não devemos determiná-los com expressões como: Mesmo, Aquilo, Cada um, ou: Só, Isto, e muitas outras do mesmo tipo. Por que semelhantes determinações circulam por tudo e em tudo aderem, sendo diferentes das coisas a que se juntam, quando o importante para aqueles elementos, no caso de nos ser possível defini-los e de comportar cada um sua explicação particular, seria serem enunciados à parte de tudo, sem acréscimo de qualquer natureza. A verdade, em suma, é que nenhum desses elementos admite explicação; só podem ser nomeados; é só o que tem: nome. Diferentemente se passa com os compostos desses elementos: por serem complexos, são expressos por uma combinação de nomes, pois a essência da definição consiste numa combinação de nomes. A esse modo, as letras são inexplicáveis e desconhecidas, porém percebidas pelos sentidos, ao passo que as sílabas são conhecíveis, explicáveis e podem ser objeto da opinião verdadeira. Por isso, quando alguém forma opinião verdadeira de qualquer objeto, sem a racional explicação, fica sua alma de posse da verdade a respeito desse objeto, porém sem conhecê-lo, pois quem não sabe nem dar nem receber explicação de alguma coisa, carece do conhecimento dessa coisa; porém se a essa opinião acrescentar a explicação racional, então ficará perfeito em matéria de conhecimento⁴⁵.

O que se percebe neste trecho do texto platônico é a questão da relação parte-todo. Cada objeto é formado por elementos unitários, indivisíveis, e que, ao agruparem-se, formam compostos possíveis de serem conhecidos. Conforme aparece na fala de Sócrates, as partes ou elementos que compõem as coisas não possuem cognoscibilidade, isto é, não podem ser conhecidos ou explicados isoladamente. O exemplo usado no *Teeteto* para ilustrar a questão dos elementos e dos compostos relacionada a cognoscibilidade é a apreciação das letras e dos nomes. Cada letra que compõe uma determinada palavra, seja ela vogal ou consoante, tomada isoladamente não possibilita que se extraia uma explicação sobre o que é, não tem sentido, portanto, é incognoscível. Já um nome como “Platão”, é a junção de diversas letras (as partes que compõem o

45 Cf. PLATÃO, 2001, 201e-202a-c, p. 126.

todo) e que, por isso, apresenta a possibilidade de compreensão, de sentido, ou seja, de cognição⁴⁶.

A definição do segundo *lógos* nasce, portanto, da enumeração de elementos, como aparece nesta afirmação socrática: “Sempre que perguntado sobre a natureza de alguma coisa, a capacidade de responder, para quem formulou a pergunta, com a enumeração de elementos”⁴⁷. Desse modo, “não se pode falar de conhecimento de alguma coisa, da qual se tenha opinião verdadeira, antes de enumerar seus elementos componentes”⁴⁸. Significa que se adquire conhecimento quando é possível explicar cada uma das partes que compõem o todo de determinado objeto e o todo em função das partes. No entanto, Platão aponta que “os elementos não podem ser conhecidos, o que não se dá com suas combinações”⁴⁹. O Sócrates platônico faz uso da sílaba SO do nome SÓCRATES⁵⁰ para mostrar a Teeteto que se tomarmos as letras de forma isolada não há como emitir um *lógos* sobre elas, ou seja, não conseguiríamos formular um discurso inteligível e que diga o que é cada letra. Conforme percebemos no *Teeteto*, as letras que formam sílabas não possuem um *lógos*, pois não são passíveis de explicação. A letra “S”, por exemplo, é apenas a letra “S”, não nos é possível dizer algo a mais sobre ela. Uma sílaba formada a partir da união de algumas letras, como “SA” também não apresenta um *lógos* completo porque o que podemos explicar sobre tal sílaba é que ela é formada pelas letras “S” e “A”. Já a palavra “SAPATO” nos fornece mais informações, mais elementos são enumerados. Essa palavra pode ser explicada como sendo a junção das sílabas “SA”, “PA” e “TO” como também de cada uma das letras isoladamente, e ainda nos faz compreender, que sapato é um calçado que serve para proteger e abrigar os pés de alguém. No entanto, a palavra usada de forma isolada, ainda não é suficiente para configurar um *lógos* que possibilite o conhecimento de alguma coisa. Em relação ao exemplo da palavra “sapato”, mesmo diante das informações já apontadas, ainda não sabemos se estamos tratando de um sapato feminino ou masculino, adulto ou infantil, de passeio ou de festa, enfim, se é de Pedro ou de João. Isto indica que uma sílaba é mais completa que uma letra, uma palavra é mais completa que uma sílaba e uma frase é mais completa que uma palavra. Desse modo, arriscamos dizer que talvez um dos motivos pelos quais o segundo *lógos* é rejeitado é a limitação de amplitude dos elementos (partes que compõem o todo). A refutação, portanto, está assentada no fato de que é impossível conhecer o todo a partir de partes incognoscíveis.

46 Neste caso, refere-se a uma determinada pessoa, um filósofo ateniense. Isto aponta que a cognoscibilidade não se restringe ao nome em si, mas diz respeito a um determinado indivíduo.

47 Cf. PLATÃO, 2001, 206e-207a, p. 134.

48 Cf. PLATÃO, 2001, 207b, p. 134-135.

49 Cf. PLATÃO, 2001, 127e, p. 127.

50 Cf. PLATÃO, 2001, 203a-d, p. 127-128.

No decorrer do Diálogo a fala de Sócrates parece indicar, que a possibilidade de obter conhecimento de determinado objeto se encontra em quem estiver em condições de especificar ou enumerar os elementos, que constituem tal objeto.

A este modo, dirá também que formamos opinião certa a respeito do carro de guerra, mas que só quem estiver em condições de acompanhar a essência do carro com a enumeração completa das cem peças de sua fabricação é que, pelo fato mesmo desse conhecimento, adicionou a explicação racional à opinião verdadeira, trocando, assim, sua condição de simples entendido pela de técnico da essência do carro, visto haver percorrido o todo com a enumeração de suas partes⁵¹.

Significa, então, que só pode emitir esse tipo de *lógos* quem já possui o conhecimento total daquilo que está a ser investigado. Retomando o exemplo dado por Sócrates, aquele que não conhece a fundo todas as peças que compõem o carro não poderá alcançar o verdadeiro *lógos*, que proporciona conhecimento, mesmo estando em constante aprendizado. Seria ingênuo de nossa parte dizer que o aspirante ou aprendiz de alguma especialidade, no contexto acima descrito, não alcançará o conhecimento daquele que já é? Se não dominamos certas técnicas ou teorias, então estamos fadados a não alcançarmos conhecimento algum? Ao depararem-se com este problema os dialogantes, ao nosso ver, passam a tratar do segundo *lógos* por outro aspecto:

Por imaginares, talvez, que alguém possa ter conhecimento seja do que for, quando julga que uma mesma coisa ora pertence a um determinado objeto, ora a outro, ou quando, acerca do mesmo objeto opina de um jeito ou de outro, conforme as circunstâncias – Eu não, Por Zeus! – E não te recordas de que era isso mesmo o que ocorria quando tu e os outros começastes a aprender a ler? – Queres dizer que para a mesma sílaba por vezes atribuíamos uma letra, por vezes outra, e que ora colocávamos a mesma letra na sílaba certa, ora numa diferente? – Isso mesmo – Não! Não me esqueci, por Zeus; como acho que está muito longe de saber quem ainda se encontra nesse ponto – E então? Se alguém, em tais circunstâncias, ao querer escrever Theeteto, pensa que deve começar, como de fato começa, por Th e E, e quando se decide a escrever Teodoro acha que deve escrever T e E, como realmente escreve: teremos de afirmar que conhece a primeira sílaba de vossos nomes? – Agora mesmo acabamos de admitir que nada sabe quem ainda se encontra nesse ponto – E que o impede de proceder de

51 Cf. PLATÃO, 2001, 207b, p. 135.

igual modo na segunda, terceira e quarta sílabas? – Nada, absolutamente – Então, de posse do caminho dos elementos, ele escreverá o nome Theeteto com opinião certa, quando tiver de escrever na devida ordem? - É evidente – No entanto, ainda carece do conhecimento, conforme já observamos, muito embora tenha opinião verdadeira – Certo – Porém ele tem a explicação racional de teu nome aliada à explicação verdadeira: ao escrever, conhecia a sequência dos elementos, que é no que consiste a explicação racional, conforme admitimos – Sendo assim, companheiro, ele tem opinião verdadeira associada à explicação racional, a que não podemos ainda dar o nome de conhecimento⁵².

Já que o *lógos* como discurso e o *lógos* como enumeração foram descartados pelos dialogantes, resta-nos saber qual é a última interpretação sobre o *lógos* analisada no *Teeteto*. A terceira definição é a de *lógos* como diferenciação, tal como aparece no trecho a seguir:

E acerca da terceira, como te manifestas? – Como o faria o vulgo: poder indicar um sinal que distinga de todos os outros o objeto de que se trata. – E nesse sentido, saberás apontar o sinal característico de alguma coisa? – Sei, caso queiras: o sol, cuja referência, tenho certeza, te parecerá cabal, se disser que é o mais brilhante dos corpos que se movem ao redor da terra. – Perfeitamente. – Agora escuta por que falei dessa maneira. É como dizíamos há pouco: se apanhases num determinado objeto o que o distingue dos demais, apanhaste, como dizem alguns, sua explicação ou definição. Mas enquanto só atingires caracteres comuns, tua explicação dirá respeito apenas aos objetos que tenham de comum essa característica⁵³.

Significa dizer, que apenas quando for encontrada a principal característica de um determinado objeto e que tal característica não esteja em nenhum outro objeto, então, tem-se a explicação do mesmo. Para tanto, é necessário fazer referência a uma gama de outros objetos, analisando suas características, para poder encontrar aquilo que os diferencia entre si. Porém, isso demandaria muito tempo, tornando a investigação inviável. Assim, o terceiro *lógos* também não resiste e é rejeitado, conforme podemos constatar a seguir:

Então, que significa acrescentar à opinião verdadeira a explicação racional? Se quiser dizer o acréscimo de um juízo a respeito do que

52 Cf. PLATÃO, 2001, 207d-208b, p. 135-136.

53 Cf. PLATÃO, 2001, 208c-d, p. 137.

determinado objeto difere dos demais, é um ditame mais do que ridículo. – De que jeito? – Naquilo de que já temos uma opinião certa sobre o que o distingue de tudo o mais, mandarem que acrescentemos a opinião certa a respeito do que o distingue das outras coisas. Nessas conexões, rodar o rolo sem parar, ou a mão do almofariz, ou virar à volta tudo o de que trata o provérbio, é coisinha de nada ao lado de semelhante preceito. Seria mais justo chamar-lhe conselho cego, pois convidar a tomar o que já temos para aprendermos o que já pensamos, parece próprio de quem não enxerga um dedo adiante do nariz. – Então, dize o que pretendias há pouco, ao me formulares tuas perguntas. – Meu filho, se a adjunção da explicação racional implica o conhecimento da diferença, não a simples opinião, admirável viria a ser essa bela explicação do conhecimento. Conhecer é adquirir conhecimento, não é isso mesmo? – Certo. – Logo, se perguntarem a esse indivíduo o que é conhecimento, ele responderá que é a opinião certa aliada ao conhecimento da diferença. Pois a adjunção da explicação racional seria isso mesmo, de acordo com sua explicação. – É evidente. – Ora, seria o cúmulo da simplicidade, estando nós a procura do conhecimento, vir alguém dizer-nos que é a opinião certa aliada ao conhecimento, seja da diferença ou do que for⁵⁴.

O que encontramos neste trecho do Diálogo é uma mistura entre os conceitos de *lógos* e *opinião verdadeira*. Fanticelli interpreta essa questão dizendo que a opinião verdadeira “acaba por furtar as qualidades que seriam exclusivas do *lógos*. E, além disso, [...] o *lógos* parece estar sendo identificado com o conhecimento”⁵⁵. Isso, entretanto, é criticado por Sócrates, pois conhecimento não é opinião, como já mencionamos; também, não pode ser opinião verdadeira somada a algum tipo de diferenciação do objeto em questão. O amálgama entre os conceitos, a princípio distintos, é o que levou Sócrates a rejeitar também a terceira definição de *lógos*, a qual parece ser tratada de maneira trivial e circular, tal como ocorreu com o primeiro *lógos*.

Nos deparamos, portanto, com a rejeição das três possíveis definições de *lógos* e como consequência, a indefinição do que venha a ser o conhecimento, pois, conforme Sócrates afirma a Teeteto, “conhecimento não pode ser nem sensação, nem opinião verdadeira, nem a explicação racional acrescentada a essa opinião”⁵⁶. O Diálogo termina sem deixar uma certeza sobre o que é

54 Cf. PLATÃO, 2001, 209d-210a, p. 139-140.

55 Cf. FANTICELLI, 2013, p. 101.

56 Cf. PLATÃO, 2011, 210a, p. 140. Para maior aprofundamento desta questão sugerimos GOLDSCHMIDT, 2002: pp. 77-84.

realmente o conhecimento, isto é, de forma aporética⁵⁷. Rowe⁵⁸ corrobora que um montante dos Diálogos platônicos termina em impasse ou aporia. É provável que ocorra, ou por Platão ser um cético e, por isso, defende que não deveríamos criar expectativas quanto a busca da verdade, pois não atingiríamos nada além de probabilidades, ou sua pretensão era a de instigar outros indivíduos a refletirem de forma autônoma, antes de basear-se em outras fontes. Burdzinski⁵⁹ também enfatiza que Platão, ao final do *Teeteto*, renuncia a definição de conhecimento que discorreu nesse Diálogo. No entanto, “podemos dizer que, desde Platão, o conhecimento tem sido identificado com a crença verdadeira justificada⁶⁰”.

Platão, ao querer desvendar a natureza do conhecimento, visa apreender a realidade universal e verdadeira dos objetos, que existem no mundo. Isso se dá através do método dialético⁶¹, o qual consiste em uma espécie de contrariedade entre uma tese e sua antítese, também chamado de “jogo dos contrários” ou opostos, sendo que tanto a tese quanto a antítese podem ser falsas e, portanto, refutadas. O método dialético “é sempre um discurso, e mesmo um percurso, do pensamento em torno daquilo que se quer conhecer, em busca da clareza de compreensão⁶²”. Assim, esse exercício intelectual, mediado pelo *lógos* (princípio inteligível da linguagem) continua, até encontrar uma síntese, ou, como se percebe em outros diálogos platônicos, sem chegar a síntese alguma.

O paradigma filosófico que predominou desde a Antiguidade Clássica até o final da Idade Média era o da busca pelo conhecimento do “ser” centrado na essência e, portanto, do conhecimento metafísico. A argumentação construída no *Teeteto* é guiada por este modelo de racionalidade, a fim de conhecer a natureza do conhecimento, o qual se constituiria como totalizante, absoluto e infalível, caso contrário não seria conhecimento e sim mera opinião. Não há uma conclusão definitiva do que é o conhecimento no pensamento platônico, no entanto, o filósofo abre caminho para que novas reflexões sejam feitas, no intuito de avançar na discussão do problema do conhecimento.

57 Cf. BENSON, 2001: a aporia é uma investigação que não apresenta conclusões. Afirma ainda, que a aporia aparece em outros Diálogos platônicos, além do *Teeteto*, e isso acaba por tornar-se uma característica do modo como Platão desenvolve seu pensamento. Cf. PAVIANI, 2001, p. 180, “o modo de proceder, no *Teeteto*, é o refutativo, não o dialético. Entre outros aspectos, isso significa que a conclusão permanece em aberto ou, mais exatamente, o exame das três definições propostas por Teeteto [...] permanece em aporia”. A *aporia* talvez se deva ao fato de que, por ser seguidor dos ideais socráticos, Platão pensa que cada pessoa deveria descobrir por si mesma o verdadeiro conhecimento, que carrega consigo através de um método que lhe possibilite isso: a dialética.

58 Cf. ROWE, 2011, p. 28.

59 Cf. BURDZINSKI, 2005.

60 Cf. BURDZINSKI, 2005, p. 67.

61 Cf. CIRNE-LIMA, 2002, p. 114-115.

62 Cf. IGLÉSIAS, 2004, p. 262.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo investigar qual a natureza do conhecimento e o surgimento da definição de conhecimento denominada crença verdadeira justificada. Para tanto, partimos da questão geral “O que significa conhecer?” e apontamos outras: como é possível definir conhecimento? Que tipos de objetos ou coisas, podemos incluir na definição de conhecimento? Conhecimento é a crença verdadeira justificada?

Analisamos a pré-história da definição tripartida do conhecimento a partir de Platão, discutida na obra Teeteto. Constatamos que, de fato, a primeira explicação de conhecimento como crença verdadeira justificada nasce do diálogo entre Sócrates e o jovem Teeteto. O desejo platônico, expresso por meio dos personagens mencionados, é encontrar a natureza do conhecimento, ou seja, o que significa conhecer algo. Entretanto, a discussão acaba de forma aporética, ou seja, indefinida. Entretanto, encontramos no texto analisado elementos que, de fato, indicam que é Platão o iniciador da análise do conhecimento enquanto crença verdadeira justificada. A pergunta levantada por Platão instigou posteriores investigações sobre a questão do verdadeiro conhecimento e que atualmente também desperta muito interesse.

REFERÊNCIAS

BENSON, Hugh H. Platão. Tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BENSON, Hugh. “O método da dialética de Platão”. In: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BURDZINSKI, Júlio César. “Justificação, coerência e circularidade”. In: Veritas. v. 50 n. 4, Porto Alegre, dezembro 2005, p. 65-93. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/viewFile/1816/1346>>. Acesso: Set. 2018.

CIRNE-LIMA, Carlos R. Dialética para principiantes. 3ª Ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

CORNFORD, Francis M. La teoría platónica del conocimiento. Traducción y comentario del Teeteto y el Sofista. PAIDOS: Barcelona, Buenos Aires, México, 2007. Disponível em: <<https://josefranciscoescribanomaenza.files.wordpress.com/2015/03/>

descargar5.pdf>. Acesso em: set. 2018.

FANTICELLI, Lutecildo. Crenças verdadeira e justificação: a aporia platônica e suas novas versões. Tese de doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Programa de Pós-Graduação em Filosofia. São Leopoldo, RS, 2013. Disponível em:

<<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000006/000006EA.pdf>>. Acesso em: mai. 2018.

FEREJOHN, Michael. “O conhecimento e as formas em Platão”. In: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREELAND, Cynthia. “O papel da cosmologia na filosofia de Platão”. In: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FUMERTON, Richard. “Theories of justification”. In: MOSER, Paul K. The Oxford Handbook of Epistemology. Oxford University Press, 2002.

GOLDSCHMIDT, Victor. Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético. São Paulo: Edições Loyola, 2002

IGLÉSIAS, Maura. “Conhecimento, linguagem e pensamento em Platão”. In: Ideias: Logos e tempo em Platão e no platonismo. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Ano 11(2), p. 233-262, Unicamp, 2004.

JR MILLER, Fred D. “A alma platônica”. In: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KAHN, Charles. “Platão e a reminiscência”. In: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KENNY, Anthony. Uma nova história da filosofia ocidental: Filosofia Antiga. Tradução: Carlos Alberto Bárbaro. Vol. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. Uma nova história da filosofia ocidental: o despertar da filosofia moderna. Tradução: Carlos Alberto Bárbaro. Vol. 3. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MONDOLFO, Rodolfo. O pensamento antigo: história da filosofia greco-romana. Vol. I, São Paulo: EDITORA MESTRE JOU S. A, 1999.

MODRAK, Déborah K. W. “Platão: uma teoria da percepção ou um aceno à sensação?” In: BENSON, Hugh H. Platão. Tradução: Marco Antonio de Ávila

Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MOSER, Paul K. *The Oxford Handbook of Epistemology*. Oxford University Press, 2002.

PAVIANI, Jayme. *Filosofia e método em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto Crátilo*. Tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes. Coordenação de Benedito Nunes. 3ª ed. Revisada. Editora universitária UFPA. Belém, 2001.

_____. *A República*. Introdução, Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 4ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian. 1949.

_____. *O Sofista*. Tradução: Carlos Alberto Nunes, 2003.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. 8ª edição, Livraria A.I. – Braga, 1998.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. Tradução: Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

RODRIGUES, Luís Estevinha. *O Conhecimento como Crença Verdadeira Garantida*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. Disponível em: <https://www.lancog.com/uploads/6/7/1/6/6716383/estevinha_luis_o_conhecimento_como_crenca_verdadeira_garantida.pdf>. Acesso em: nov. 2018.

ROWE, Christopher. “Interpretandom Platão”. In: BENSON, Hugh H. *Platão*. Tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ZENI, Eleandro Luis. *Conhecimento e linguagem: um estudo do Teeteto de Platão*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2012.

Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppgf/wp-content/uploads/2011/10/DISSERTAÇÃO-final.pdf>>. Acesso em: jun. 2018.

DEVELOPMENT OF THE DEFINITION OF KNOWLEDGE AS TRUE JUSTIFIED BELIEF

Abstract: What is knowledge? Is it possible to define it? Knowledge is true belief justified? These questions deal with the theme of this study, which is the definition of knowledge. In this sense, the main objective is to investigate the conception of knowledge in Plato's philosophy, more specifically in his Theaetetus, in order to know how the traditional definition of knowledge arose. The Platonic text seeks to find the nature of knowledge, and for that, three perspectives are discussed by Theaetetus and Socrates, the main characters of the Dialogue. From the three possible answers given by Theaetetus to the problem of knowledge raised by Socrates is that this study is organized. In the first part, we analyze the conception of knowledge as sensation; then discusses the idea of knowledge as true opinion and, finally, the perspective of knowledge as the true opinion plus a logos. Through the research carried out, it is verified that the Theaetetus Dialogue indicative elements that the traditional definition of knowledge as justified true belief has arisen with Plato. However, the work of the aforementioned philosopher ends in aporia, that is, there is no conclusive answer to the problem of knowledge, a fact that instigated further investigations on the question of true knowledge and which became the central theme in philosophical thought.

Key Words: Knowledge. Sensation. Opinion. Logos. True belief justified.

SURGIMIENTO DE LA DEFINICIÓN DE CONOCIMIENTO COMO CREENCIA VERDADERA JUSTIFICADA

Resumén: ¿Qué es conocimiento? ¿Es posible definirlo? ¿Conocimiento es la creencia verdadera justificada? Tales cuestionamientos tratan de la temática de este estudio que es la definición de conocimiento. En este sentido, el principal objetivo es investigar la concepción del conocimiento en la filosofía de Platón, más concretamente en su obra Teeteto, a fin de saber cómo surgió la definición tradicional de conocimiento. El texto platónico busca encontrar la naturaleza del conocimiento, y para tanto, tres perspectivas son discutidas por el tema de los temas del Diálogo. A partir de las tres posibles respuestas dadas por Teeteto al problema del conocimiento levantado por Sócrates es que este estudio está organizado. En la primera parte, analizamos la concepción del conocimiento como sensación; a continuación, se discute la idea de conocimiento como opinión verdadera y, por fin, la perspectiva de conocimiento como la creencia verdadera más un logos. A través de la investigación realizada, se constata que el Diálogo Teeteto presenta elementos indicadores que la definición tradicional de conocimiento como creencia verdadera justificada ha surgido con Platón. Sin embargo, la obra del referido filósofo termina en aporía, o sea, no hay una respuesta conclusiva para el problema del conocimiento, hecho que instigó posteriores investigaciones sobre la cuestión del verdadero conocimiento y que se convirtió en tema central en el pensamiento filosófico.

Palabras clave: Conocimiento. Sentimiento. Opinión. Logos. Creencia verdadera justificada.